



ÁFRICA

Sudão afunda no caos

Grupo paramilitar e tropas do Exército ignoram anúncio de cessar-fogo e mantêm combates na capital, Cartum, e em outras cidades. Em meio à disputa pelo poder, jogador de futebol brasileiro e sudaneses relatam drama ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

Fracassou o cessar-fogo previsto para durar 24 horas entre o grupo paramilitar Forças de Apoio Rápido (FAR) e as tropas do Exército sudanês, que travam violentos combates pelo poder no Sudão desde a manhã do último sábado. “Os combates duram o dia inteiro. É traumatizante. Eles não respeitaram o cessar-fogo”, afirmou ao **Correio** o pesquisador Ibrahim Alhaj Alduma, 30 anos, morador do bairro Cartum 3, na capital. Por volta das 19h (14h em Brasília), um morteiro disparado de um lança-foguetes atingiu a casa de seus familiares, no momento em que ceavam após mais um dia de jejum durante o Ramadã. O artefato caiu no corredor, depois de atingir uma árvore, ao lado. Por sorte não explodiu.

De acordo com Alduma, os confrontos estão mais intensos em Cartum e em Nyala, 913km a sudoeste, em Darfur do Sul. “Eles ocorrem especialmente em áreas administrativas. As FAR controlam esses locais, como o quartel-general do Exército, o palácio presidencial e o Aeroporto Internacional de Cartum. Os combatentes utilizam armas pesadas, o que faz com que bairros vizinhos sejam afetados pelos disparos. Ouço explosões em todos os lugares, e é possível ver corpos espalhados por algumas regiões e sentir o odor característico”, relatou.

Alduma é voluntário em uma iniciativa humanitária e tem ajudado a mobilizar ambulâncias para remover os cadáveres. “Não sabemos ao certo quantas pessoas morreram até agora. A maioria dos mortos ainda estão abandonados pelas ruas e é impossível alcançá-los. Hoje, ajudei a remover pacientes de um hospital de Khartoum. Quatro deles não resistiram.”

“Não há nenhum sinal de apaziguamento em Cartum e em muitas outras regiões”, confirmou a Organização das Nações Unidas (ONU). Os confrontos são travados entre os soldados do Exército, comandados pelo general Abdel Fattah Al-Burhan, e os homens liderados pelo ex-número dois, o general Mohamed Hamdan Daglo — ou “Hemedti” (ou “Pequeno Mohammed”) —, chefe das FAR. Daglo anunciou a aprovação do cessar-fogo, que foi desrespeitada.

Segundo a agência de notícias France-Presse, quatro hospitais de Cartum foram bombardeados pelos caças de Al-Burhan. Em todo o território sudanês, 16



Moradores fogem da região sul de Cartum, palco de violentos confrontos: os apelos da comunidade internacional pela trégua foram desprezados

hospitais tiveram que suspender suas operações. O número de mortos chega a 270; pelo menos 2.600 pessoas ficaram feridas, anunciou a ONU.

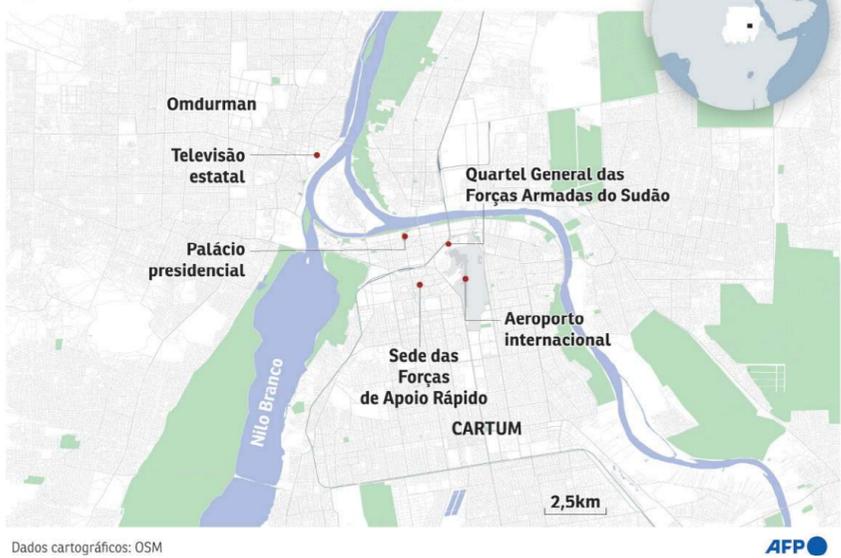
Diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus condenou os ataques aos centros médicos no Sudão e advertiu que eles privam as comunidades de receberem cuidados essenciais para salvar vidas. “Exortamos todas as partes a garantirem acesso irrestrito e seguro nas instalações de saúde para os feridos e para todos aqueles que precisam de cuidados médicos. Também exortamos para que trabalhem pela paz.”

Matheuzinho

“Aqui não está bem, não. Mas estamos sobrevivendo”, desabafou ao **Correio** o brasileiro Matheus Cotulio Bossa, 30 anos, o Matheuzinho, meia do Al-Merreikh, clube de futebol da cidade de Omdurman, a 18km de Cartum. Ex-jogador do Atlético Goianiense e do Vila Nova, ele contou, por telefone, que a situação se deteriorou rapidamente. “Estávamos jogando a Champions League da CAF (Confederação Africana de Futebol), em que o campeão disputa o Mundial de Clubes. No Egito, jogamos contra o Zamalek. Depois dessa partida, jogamos na Arábia Saudita e retornamos ao Sudão para o campeonato nacional. A

Conflito no coração de Cartum

Explosões na capital durante o confronto entre o exército e paramilitares



Dados cartográficos: OSM



gente dormiu no país e parece ter acordado em outro”, relatou Matheuzinho, um dos nove brasileiros retidos no Sudão — cinco da comissão técnica e quatro atletas. “Despertamos, no sábado, com bombas, tiros, caças, mísseis. Fomos pegos de surpresa. Está bem tenso, difícil de dormir e de as pessoas resolverem nossos problemas.”

Em Cartum, a gerente de projetos Hind Mohamed, 34 anos, admitiu ao **Correio** que

as coisas estavam “mais tensas” ontem. “Os tiros e os bombardeios não cessam desde o início da manhã. A energia elétrica e o abastecimento de água estão cortados em muitos lugares; os combatentes destruíram as estações fornecedoras. Foi anunciado que haveria um cessar-fogo e uma trégua entre as duas forças, com duração de 24 horas, a partir das 18h de hoje (13h em Brasília). São quase 21h e os confrontos não pararam nem por

um minuto”, disse, às 15h55 de ontem (em Brasília). Hind explicou que mora não muito longe do quartel-general do Exército, um dos pontos mais tensos. “Hoje (ontem), houve disparos na área do aeroporto. Pude ouvir os tiros claramente, e vi a fumaça. Em um bairro aqui próximo, chamado Burri, testemunhamos alguma ação. Os combatentes perseguem e dispararam uns contra os outros”, relatou a sudanesa.

Povo fala...

Matheus Cotulio Bossa, 30 anos, o Matheuzinho, meia do Al-Merreikh, em Omdurman, a 18km de Cartum



“É um momento de tristeza, de guerra. Nosso desejo é voltar para o nosso país, para a nossa família. Quero pedir orações e mensagens de incentivo, e que possam transmitir esse apelo a alguém que possa solucionar nosso problema. Entramos em contato com o Itamaraty e com o consulado, e as mensagens que recebemos é para que permaneçamos onde estamos. São três dias de guerra, o tempo está passando e a comida, acabando. A luz aqui é do gerador do hotel, e a gente não sabe até quando vai.”

Hind Mohamed, 34 anos, gerente de projetos, moradora de Cartum



“Os sons que escutamos com frequência, desde o último sábado, são de bombas e disparos. Eles começam por volta das 4h e duram quatro ou seis horas. Já são interrompidos e recomeçam, pelo resto do dia. Hoje (ontem), tem sido indiferente. Os combates são ininterruptos. No domingo, vimos aviões de guerra por um curto período. Nós ouvimos o barulho dos caças, novamente, nesta tarde.”

Ibrahim Alhaj Alduma, 30 anos, pesquisador, morador de Cartum



“A situação por aqui é traumatizante. Tenho monitorado a situação em todo o país, e o cenário por aqui é aterrorizante. Não é fácil. Não penso em sair de Cartum, porque todos os sudaneses estão na mesma condição. Infelizmente, estamos sem energia elétrica, e é mais seguro ficar em casa. As forças em combate atacam qualquer carro que se mova pelas ruas. Eles não têm regras de guerra, nem princípios. Não existe garantia nenhuma para a nossa segurança.”

ESTADOS UNIDOS

Homem atira na cabeça de jovem negro que tocou sua campainha

Ralph Paul Yarl, 16 anos, tocou a campainha de uma casa da Northeast 115th Street, em Kansas City, no estado do Missouri. Era quinta-feira da semana passada. O jovem negro buscava os irmãos gêmeos caçulas e errou o endereço. As crianças estavam na Northeast 115th Terrace. Andrew Lester, um homem branco de 84 anos, abriu a porta e disparou duas vezes contra Ralph: na cabeça, acima do olho esquerdo; e no braço direito. O adolescente sobreviveu, por milagre, e ficou apenas dois dias no hospital. Lester entregou-se à polícia, ontem, e foi liberado após pagar fiança de US\$ 200 mil (cerca de R\$ 998 mil). Ele responderá pelos crimes de agressão em primeiro grau e ação criminosa armada.

“Pretender que a raça não é parte de toda esta situação seria enfiar a cabeça na areia”, disse o prefeito de Kansas City, Quinton Lucas. “Atiraram neste rapaz porque era negro”, acrescentou, em declarações à CNN. A indignação em torno do caso aumentou no fim de semana, após se saber que Lester chegou a ser detido e acabou liberado, depois de 24 horas, sem acusações. Na segunda-feira, o promotor do estado de Clay, Zachary Thompson, anunciou o indiciamento. O idoso contou à polícia que acreditava que alguém tentava invadir a casa e atirou duas vezes “alguns segundos depois de abrir a porta”. Lester disse que estava “morrendo de medo”. Na noite de segunda-feira, a



Andrew Lester disparou duas vezes: suspeito disse que estava “morrendo de medo” de ladrão

Casa Branca divulgou que o presidente Joe Biden havia falado por telefone com Yarl “e compartilhado sua esperança de uma recuperação



Ralph Yarl, 16 anos, errou o endereço, ao buscar os irmãos gêmeos caçulas, na quinta-feira

rápida”. A tia de Yarl, Faith Spoonmoore, disse, em uma campanha da GoFundMe, que seu sobrinho era um estudante talentoso que

sonhava estudar engenharia química. Até o fechamento desta edição, haviam sido arrecadados mais de US\$ 3 milhões (ou R\$ 14,7 milhões) para Yarl — 76 mil pessoas tinham contribuído com doações.

Ataques a tiros mortais são frequentes nos Estados Unidos, um país de 330 milhões de habitantes, onde se estima que circulem cerca de 400 milhões de armas. Mas o caso de Yarl suscitou revolta especial, pois o país continua enfrentando um longo histórico de falta de prestação de contas por atos de violência contra afro-americanos.

A chefe de polícia de Kansas City, Stacey Graves, disse, durante coletiva de imprensa na noite de domingo, admitir os “componentes raciais” do

caso, mas a informação disponível até agora “não diz que haja motivos de raça” e a investigação segue seu curso.

Caso similar

Na segunda-feira também foram apresentadas acusações sobre um caso similar no estado de Nova York, mas a vítima dos disparos da noite de sábado, Kaylin Gillis, não sobreviveu. A polícia do estado disse que Gillis levou um tiro fatal, quando foi, com três amigos, a um endereço errado, enquanto tentava encontrar a casa de um amigo. O dono da casa, identificado como a pessoa que atirou, Kevin Monahan, de 65 anos, foi detido e acusado de homicídio.